

FOUCAULT E A NOVA HISTÓRIA CULTURAL

Maria Bernardete Ramos Flores

A Nova História Cultural entrou no léxico comum dos historiadores há aproximadamente duas décadas, com desdobramento do pós-estruturalismo e conseqüente crítica à História das Mentalidades, que lidava com as categorias de totalidade, transformação e auto-regulamentação. Da desvalorização da atividade do sujeito individual, concebido nas determinações coletivas e nos condicionamentos sociais, a Nova História Cultural concebe o sujeito em termos relacionais, o que enseja uma modalidade nova no fazer historiográfico. Em primeiro lugar, centra a atenção nas construções móveis, instáveis, conflituais, a partir das práticas, das lutas de representações e dos efeitos performativos. Em segundo lugar, aproxima-se dos antropólogos e, especialmente, da crítica literária. Por fim, mais que teorizações globais, os historiadores optam por estudos de casos que permitam uma narrativa mais acontecimental e nominal.

A exposição que se segue trata de mostrar três eixos do pensamento foucaultiano – a modernidade, segundo Kant; a vontade de potência, segundo Nietzsche; o conceito de bio-política, segundo o próprio Foucault – para fundamentar um modo de fazer história que provocou vários desvios na historiografia etnográfica, social e das mentalidades.

- Dos objetos para os problemas: os objetos culturais (sexualidade, maternidade, infância, velhice, etc) são vividos e construídos na experiência – nas correlações de uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade.
- Do indivíduo consciente para o sujeito desejante: o estudo dos modos pelos quais os indivíduos são levados a se reconhecerem como sujeitos sexuais, maternais etc., há que levar em conta a noção de desejo ou de sujeito desejante e, portanto, a criação de sujeitos do desejo.
- Analisar, portanto, não os comportamentos, nem as idéias, não as sociedades, nem suas ideologias, mas as problematizações através das quais o ser se dá como podendo e devendo ser pensado, e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam.
- Enfim, fazer uma história do pensamento, configurando as condições nas quais o ser humano “problematiza” o que ele é, e o mundo no qual vive. Pensar as práticas como produtoras de sentidos, o que significa estudar os textos, sejam estes verbais, gestuais, visuais ou sonoros, enfim, todos os artefatos culturais, observando como seus autores percebem seu mundo e o dão a ler; significa também compreender as práticas que apreendem os bens simbólicos como produtoras de usos e significações diferentes. As significações múltiplas e móveis dependem do modo como é recebido; há uma pluralidade dos empregos e das compreensões, mediante a liberdade criadora de seus usuários.
- Em síntese, lidar com três eixos de uma unidade: verdade – poder – subjetividade
VERDADE - Discursividade: arqueologia (episteme);
PODER - Práticas não discursivas: genealogia (dispositivos);
VERDADE-PODER: SUBJETIVIDADES: modos como os sujeitos são formados.